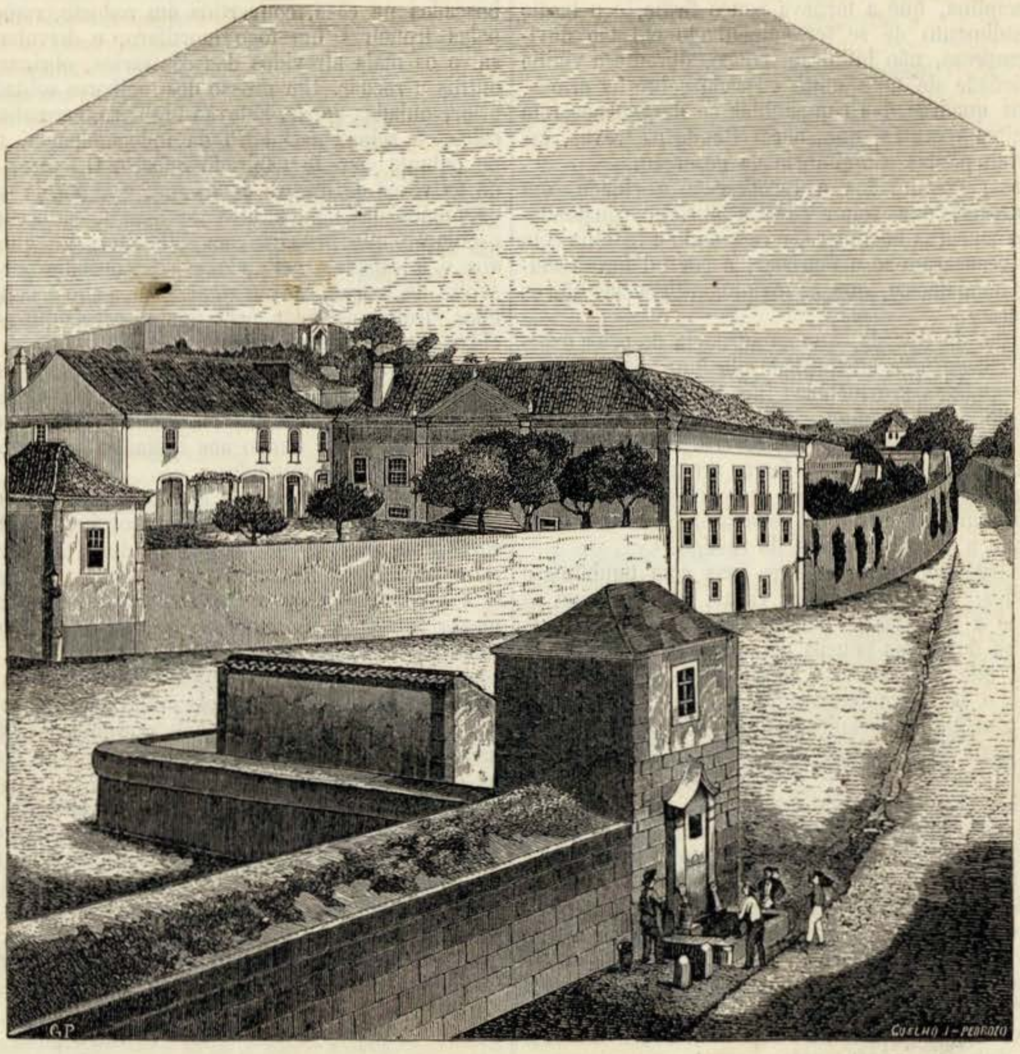


Instituto Agricola de Lisboa — Desenho de C. Pereira

O decreto de 16 de dezembro de 1852, confirmado pela carta de lei de 1 de junho de 1853, que inaugurou o ensino agricola em Portugal, é a certidão de edade do instituto agricola e eschola regional de Lisboa, estabelecido na real quinta da Bemposta, e representado na gravura que hoje publicâmos.

A quinta pertence ao palacio fundado pela rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra, e filha del-rei D. João IV.

Com quanto este palacio seja do apanagio da coroa, foi generosamente concedida pelo senhor rei D. Pedro V, de boa memoria, a quinta que lhe está annexa para os trabalhos praticos.

Posteriormente, por decreto de 21 de junho de 1859, confirmado pela carta de lei de 9 de agosto de 1860, se lhe reuniu o hospital veterinario e officinas accessorias, para o que se tem feito muitas obras de que n'outro numero trataremos, com mais alguma estampa que dê perfeita idéa do estado actual d'este prospero estabelecimento de ensino theorico e pratico.

No entretanto, os que quizerem ter ampla informação do que já se tem conseguido com a instituição do ensino agronomico entre nós, queiram ler a excellente publicação periodica intitulada *Archivo Rural*, e os muitos documentos officiaes insertos no *Boletim do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.*

BATALHA DA PONTE DE ALCANTARA

1580

(Vid. pag. 41)

O prior do Crato, se carecia de tactica para se medir com o seu adversario, e se não tinha ao lado quem lhe suggerisse alvitres saudaveis, mostrou-se digno do titulo de rei, não trepidando com a guerreira mostra dos esquadrões de Filippe II, e apparecendo em toda a parte para estimular os seus com a pessoa e com o exemplo.

Tendo observado que o resto do dia da vespera fôra consumido pelos castelhanos em marchas, reconhecimentos e escaramuças ligeiras, durante as quaes só Prospero Colona e João Baptista Antonelli se haviam adiantado, por meio das balas, para estudarem as entradas do arraial e as subidas menos desfavoraveis, chegou a convencer-se, de que o duque de Alva não se atreveria a arriscar as tropas, arrojando-as contra posições que a inexperiencia lhe segredava serem inexpugnaveis.[1]

Esta illusão, de que participavam muitos capitães e soldados, não concorreu pouco para lhes avultar

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III, pag. 124. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. VII, pag. 313 e 314.

ainda mais o perigo, quando o viram imminente e inevitavel.

A indole da gente que seguia a D. Antonio, a falta de disciplina, que a tornava pouco firme, e o tardio arrependimento de se ter empenhado em tão duvidosa empreza, não influiram pouco, durante a vigilia e anciedade de uma noite passada sobre as armas, para os quadros das companhias se desguarnecerem de muitos recrutas, que, aproveitando as trevas, esconderam n'ellas o opprobrio da deserção.

Outros, costumados a recolher-se á cidade com o escurecer, e a voltar com a aurora, constando-lhes as ameaças nocturnas, e receiando a batalha com o dia, recusaram-se a marchar, e por tal fórma souberam homiziar-se, que as maiores diligencias não os alcançaram.

O bispo da Guarda, que na ausencia do prior exercia na cidade uma auctoridade absoluta, debalde empregou quantas providencias lhe dictava a colera e o desejo de ser obedecido.

Em vão os sinos em todos os campanarios se desfaziam tocando a rebate, e forcas armadas nas praças assustavam com a idéa dos supplicios aos que tentassem fugir. O medo da espada inimiga era mais forte que a voz da patria e do castigo. [1]

Os sargentos precorriam as ruas com tambores e trombetas, e entrando pelas casas, constrangiam os cidadãos a levantar-se e a partirem para o arraial; mas fóra de portas poucos deixaram de se furtar por atalhos que os pozessem longe dos dois exercitos. Os que o bispo capitaneou em pessoa, e conseguiu levar comsigo ao acampamento ainda de noite, não foram mais fieis. Poucos se uniram ás fileiras aonde eram esperados.

As forças do pretensor montariam, quando muito, a sete ou a oito mil homens, e d'estes mais de tres mil pertenciam aos terços de escravos pretos, plebe mais util para as vozerias dos largos e viellas de Lisboa, do que para sustentar um posto com valor. [2]

Uma hora antes de nascer o dia, a 25 de agosto de 1580, o duque de Alva, que os annos não entorpeciam, saíu do seu quartel general, rodeado de um luzido estado de officiaes, e foi collocar-se no centro do exercito, no meio dos corpos formados defronte dos moinhos occupados pelos portuguezes, e sentando-se em uma cadeira, levantada em logar d'onde podia abranger com a vista ambos os campos, entre as seis e sete horas, mandou arvorar um estandarte branco, signal de accommetter.

Apenas a aragem matutina agitou as dobras da bandeira, todos os esquadrões começaram a marchar.

O primeiro que se avisinhou dos nossos por mais proximo, foi o de Prospero Colona, incumbido de investir a ponte.

Ao mesmo tempo trovejaram os canhões dirigidos por D. Francez de Alava, e as balas, voando, começaram a semear a campina de mortos e de feridos.

Precedidos pelas mangas de arcabuzeiros, e envoltos em nuvens de pó, os castelhanos precipitaram-se contra os soldados de D. Antonio antes da hora aprazada, e fiados no impeto, arremeçaram-se com tanto brio, que levando os defensores nas pontas dos ferros, e varrendo-lhes filas inteiras com as surriadas de arcabuzeria, despejaram em um relance as avenidas da ponte, e seguindo a victoria com ardor, chegaram com elles á outra margem do rio.

Mas ahi tiveram de parar e retroceder. Haviam avançado de mais, e sem prudencia. O terreno não permittia que as testas de columnas se desenvolvessem, e por acanhado accumulava os combatentes em um pequeno espaço, egualando, por assim dizer, os poucos aos muitos.

De repente, os mosqueteiros e os arcabuzeiros, emboscados na casa, convertida em reducto, romperam pelas troneiras um fogo mortifero, e derrubando a salvo os mais atrevidos dos contrarios, obrigaram os outros a recuar. Um grosso dos melhores soldados do prior, guiados por fr. Estevão Pinheiro, carmelita descalço, e zeloso partidario da independencia, acudiu no entanto com o suspirado reforço. O padre, fazendo as vezes de mestre de campo, e vendo já vacillar os piques das companhias de Sicilia, conheceu pela oscillação que principiavam a hesitar, e erguendo a voz e a espada, mettendo-se com ousadia por entre selvas de lanças, de um só arranco, peito a peito com ellas, trouxe-as rotas pela ponte, e repelliu-as vencidas e escarmentadas. [1]

Luiz Dovara, presenceando o desbarate e a fuga arrebatada, reuniu á pressa alguns piques allemães do conde Lodron, e enviou-os para suspender a furia aos nossos, e dar tempo aos italianos de restabelecerem as fileiras confundidas.

Temendo, porém, que o mal se aggravasse, correu ao quartel do duque, exclamando, soçobrado, que soccorressem a gente de Prospero Colona, se não queriam vêl-a toda prostrada.

A physionomia do velho capitão não denunciou a menor mudança. Socegado, como se estivesse assistindo ás evoluções de um campo de manobras, disse sómente: «Está bem; paciencia!» Não apartava comtudo a vista da direcção por onde caminhava Sancho de Avila, seguro de que o subito assalto do mestre de campo general sería o melhor auxilio para os que pelejavam apressados pela flor da milicia do prior do Crato. O seu maior cuidado era que o impetuoso official, contemplando o perigo dos companheiros, não voltasse atraz em tal occasião, a fim de os ajudar, esquecido de que tinha depositada nas mãos a sorte da lucta; mas notando que elle continuava resoluto a sua marcha, tranquillisou-se, e virando-se para Luiz Dovara, fitando-o com um sorriso, disse-lhe com os dedos postos de leve no seu hombro: «Descança; não seremos derrotados.» Erguendo-se depois, e estendendo os olhos pelos diversos pontos, deu o signal do accommettimento geral, aguardando sem abalo o resultado. [2]

Prospero Colona, que havia deixado respirar os seus alguns minutos, reforçados por algumas companhias de hespanhoes, e por uma manga de arcabuzeiros ás ordens de D. Antonio Benevides, tornou a conduzil-os embravecidos pelo resentimento contra os defensores da ponte; mas avisado pelo revez, mandou aos arcabuzeiros que ladeassem a preza do moinho, e a casa da guarda, e as investissem pelas costas, para não se exporem de novo aos chuveiros de balas, que vomitavam as setteiras.

O ataque assim concebido saíu feliz. O moinho e a casa dentro em pouco ficaram em poder dos italianos; logo depois succumbiu a ponte, assaltada pela frente, e exposta ás descargas dos dois padrastos, que na primeira refrega tinham concorrido tanto para a sua resistencia.

Em quanto os terços de Napoles, Sicilia e Lombardia irrompiam victoriosos, seguindo o alcance dos portuguezes, Sancho de Avila, torneada a posição mais forte, combatia o arraial quasi pelas costas, levando comsigo o espanto ao seio dos nossos.

Disfarçadas habilmente as manobras, conseguiu encostar as duas mangas de arcabuzeiros de D. Rodri-

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia da Portugal*, liv. III. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. VII., pag. 314.

[2] *Ibidem.* — D. Serafin Calderon — *Campaña del duque de Alba, artigo 3.º* — Diogo Queipo de Soto Mayor — *Descripcion de las cosas succedidas en los reynos de Portugal*, fl. 131 e seguintes.

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III, pag. 124 v. e 125. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. VII. — D. Serafin Calderon — *Campaña del duque de Alba*, artigo 3.º

[2] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III, pag. 125. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. VII. — Diogo Queipo de Soto Mayor — *Description de las cosas succedidas en los reynos de Portugal*, fl. 131 e seguintes.

go Çapata, e do prior D. Pedro Gonzales de Mendonza, aos parapeitos, quasi sem ser apercebido. O effeito das repentinas descargas á queima-roupa, e o numero e brados dos aggressores desalojaram em poucos minutos, e metteram nas segundas linhas, acossando-a com a espada em punho e os murrões accesos, aquella desordenada milicia, que, vendo sobre si pelas espaldas os inimigos, quando os julgava mui distantes, nunca se tornou a recobrar da sua confusão.

A artilheria hespanhola, valendo-se a proposito do ensejo, disparou toda a um tempo, e arrombando trincheiras, e arrazando reparos, em um instante, descompoz os batalhões de D. Antonio, que a voz dos chefes, a custo, conseguia manter ainda firmes. [1]

(Continua)

UMA NOITE EM CINTRA

A' Exc. Sra. D. M...

....

Pela franca janella entrava a noite,
recamada de estrellas, rescendente
á verdura serrana; a vasta sala
bebia a sorvos largos poesia.

Junto a nós o piano, a dança, os versos,
os nadas de salão. Lá fóra, Cintra
e o ramalhar das arvores; as penhas
e a lua.
Eu junto a ti, deliciado
na melodia da tua voz, dizia-te
versos e devaneios; elevavas-me
ás altas regiões da phantasia.
Eras a minha musa; caminhavas;
cada phrase era um passo; e cada passo
nos afastava o mundo. Iamos longe,
muito longe dos frivolos.
Paraste;
disseste: —«Quem me dera a voz e a lyra,
«qual sinto a inspiração! a gloria! a gloria!

«Ver, ouvir, e ser muda! atropellarem-se
«dentro no peito oraculos de fogo...
«sem acordar na abobada um só echo!»—
....
Pintar-te assim formosa,
pintar-te alli; pintar-te arrebatada
como uma pythonissa,
sonhando a gloria, alando-te ás alturas
d'entre a povoada solidão da sala,
maior, mais bella entre o piano e a musica...
não! pintar-te não posso! Rasgo a tela;
espedaço a palheta.
Já no entanto,
por detraz da Peninha, entre os cabeços
ia a esconder-se a lua: era um crescente
pallido e somnolento. Uma varanda
rasgada ao pé de nós dava de face
na paizagem. Mostraste-me
co' a branca mão a serra escura; ao longe
plainos; mais longe mar; mais longe brumas
no marinho horisonte; e silenciosa
julguei ver uma lagrima furtiva
annuvear-te o olhar. Oh! que poesia!
quanto amor! que de versos n'essa lagrima!

Porque vens pedir poemas
a quem só palavras rima,
se a ti mesma assim te anima
sempre ardente inspiração!

Para ouvir phrases supremas,
candescentes de lyrismo,
fita ouvidos sobre o abysmo
do teu proprio coração.

Cintra — Agosto de 1861.

JULIO DE CASTILHO.

BREVE DISSERTAÇÃO

SOBRE O LOGAR DA SEPULTURA DA RAINHA D. MAFALDA, MULHER DEL-REI D. AFFONSO HENRIQUES

(Conclusão. Vid. pag. 43)

IV

Os epitaphios não fallam das rainhas.

É verdade, que os epitaphios nada resam ácerca das rainhas; mas, além de ser argumento negativo o que d'este silencio se deriva, é claro a todas as luzes, que mui secundaria é a importancia d'estas personagens em relação á do fundador da monarchia, e de seu filho.

El-rei D. Manuel, mandando construir tão sumptuosos moimentos, pretendeu, principalmente, sublimar da modesta sepultura em que se achava, para outra condigna a D. Affonso Henriques, como testificam unanimemente nossos chronistas. Ao fundador da monarchia prestou, exclusivamente, as suas homenagens de veneração e respeito, beijando-lhe os pés como a santo, e as mãos como a rei. Todos os outros successos, que occorreram n'esse famoso dia [1], foram meros incidentes do solemne exalçamento de D. Affonso Henriques para o seu magnifico jazigo, e nenhum d'elles requeria commemoração privativa.

V

No mausoléo de D. Affonso Henriques, aberto em 1832, achou-se unicamente o corpo d'este monarcha.

Abona-se o illustre A. das *Memorias das rainhas*, para demonstrar a proposição da epigraphe, com o testimunho de dois individuos: um, que elle mesmo interrogou, e outro que foi interrogado por um amigo, ambos concordes aliás em asseverar, que no tumulo de D. Affonso Henriques se encontrou, *unicamente*, o *corpo* d'este glorioso rei.

É admiravel a facilidade, com que o distincto escriptor deu inteiro credito aos ditos de dois individuos, pouco menos que desconhecidos, recusando-o antes, sobre assumpto identico, a varões de larga nomeada na republica das lettras!

Maravilha-nos, ainda, que, sendo tão curioso investigador dos successos antigos, não procurasse illustrar-se sobre um de nossos dias, mórmente propondo-se tratar um ponto que lhe era relativo.

A abertura e exame do tumulo do fundador da monarchia operou-se na presença da corte, e de uma communidade numerosissima; e seguiu-se a celebração de solemnes exequias no mesmo logar, mez e dia em que el-rei D. Manuel, trezentos e dezesete annos antes, havia assistido, a outras por ventura menos luzidas, na trasladação de seus augustos ascen-

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III, pag. 125. — Conestagio — *Unión de Portugal*, liv. VII, pag. 315 e seguintes. — D. Serafin Calderon — *Campaña del duque de Alba*, artigo 3.º — Cabrera de Cordova — Filippe II, *rey de España*, liv. XIII, cap. II. — Salamantino — *Casos dignos de cuentos*. cap. LIV e LV.

[1] Foi o dia 25 de outubro de 1515, anniversario da entrada em Lisboa del-rei D. Affonso Henriques, depois de a haver conquistado aos moiros em 1147.

dentes para os sumptuosos mausoléos, que lhes mandára erigir.

D. Francisco do Santissimo Coração de Maria, conego regular e mestre de theologia no real collegio da Sapiencia, annunciou na 4.ª nota do sermão d'aquellas exequias, que imprimiu [1], a proxima publicação de uma *Noticia do que se achou no tumulo del-rei D. Affonso Henriques*. Ignorâmos, se saiu á luz esta *Noticia;* sabemos, porém, que *um fiel observador* narrou, então, extensamente, na folha official do governo, a *Gazeta de Lisboa*, n. 258, 1832, o que de mais notavel occorrêra na abertura e exame do tumulo.

Transcrevemos essa narrativa na parte que respeita ao assumpto, sobre que temos discorrido; n'ella verá o illustre A. das *Memorias das rainhas*, que o enganaram os seus informadores, dizendo-lhe, que no mausoléo de D. Affonso Henriques se achou, *unicamente, o corpo* d'este piedoso rei.

Reconhecerá, tambem, que procedeu com manifesta injustiça, degradando da categoria de escriptores fidedignos os que affirmaram, que D. Mafalda se achava no jazigo de seu marido.

VI

«Coimbra 23 de outubro de 1832.»

«Hoje, sua magestade, depois do seu despacho no gabinete, foi de tarde mais suas altezas reaes a ver na egreja de Santa Cruz o interior do tumulo do senhor rei D. Affonso Henriques.»

«Ia acompanhado dos ex.^{mos} srs. duque de Lafões, marquez de Bellas, marquez de Tancos, e conde barão de Alvito, camarista de semana, conde de S. Lourenço, ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra, conde de Barbacena, chefe do estado maior general, brigadeiro Gorjão, quartel-mestre general, brigadeiro Povoas, ajudante de ordens de sua magestade, major conde de Belmonte, ajudante de campo, e dos mais da mesma classe condes do Cartaxo, de Soure, de Vianna, de Almada, de Redondo e de Carvalhaes, e D. Bernardo de Almada seu irmão, e officiaes de ordens, visconde d'Asseca, e tenente Manuel Correia seu irmão, coroneis de voluntarios realistas, conde de Castro-Marim, e visconde da Bahia; e varios criados da casa real, indo tambem como viadores de suas altezas, os condes de Camarido e de Cintra.»

«Seguindo o caminho da Universidade pela Fonte Nova, foi esperado o augusto monarcha e suas altezas reaes pelo D. prior geral, e communidade á porta do convento de Santa Cruz, e acompanhado á egreja; feitas as orações, mandou sua magestade abrir o tumulo do fundador da monarchia portugueza, repetindo assim este acto, que pela ultima vez se havia feito pouco mais de um seculo antes, isto é, em setembro de 1732, reinando então em Portugal o senhor rei D. João v, e anteriormente o havia feito tambem o senhor rei D. Manuel.»

«Aberto, pois, aquelle deposito precioso dos restos mortaes do grande rei, o senhor D. Affonso Henriques, se achou um pequeno cofre de madeira de cedro, junto a outro maior, existindo sómente no menor alguns restos de ossos pequenos, que indicavam ter sido de algum menino, mas tudo o mais reduzido a terra ou cinza; e no segundo cofre maior, que se achava ainda coberto com um resto de tela rica de oiro e prata, com franjas d'esta qualidade, se viu sobre a tampa, que teria tres e meio até quatro palmos de comprimento, uma chave de ferro, a qual tinha sido doirada; e no mesmo um frasco de vidro faceado, com a base de tres pollegadas quadradas, e sete de altura, rolhado e lacrado, com as armas reaes em cima, e uma inscripção em baixo, dizendo:

Noticia do que se passou em o mez de setembro de 1732

«Tinha este frasco dentro um embrulho escuro, e com letras, mas pegado no fundo do vaso, o qual se poz de parte para depois se examinar, tendo logo sua magestade dito que o sêllo era das armas do senhor rei D. João v, e não do senhor D. Manuel, como se dizia.

«Na presença, pois, de sua magestade e de suas altezas reaes, da corte, do estado maior general, do ex.^{mo} e rev.^{mo} bispo de Coimbra, D. Fr. Joaquim da Nazareth, do D. Prior Geral, e de toda a communidade de Santa Cruz, se proseguiu no exame dos caixões do tumulo, e se reconheceu, em favor da chronica do convento, estarem no segundo cofre os despojos mortaes da senhora rainha de Portugal, D. Mafalda, esposa do primeiro rei; e, por estarem muito arruinadas as madeiras, e mesmo os ossos, ordenou sua magestade que se passassem para melhor cofre.

«Logo por baixo se achou outro caixão tambem de cedro, e com outra chave como a primeira, e restos de cobertura de tela egualmente de prata e oiro, com xadrez de côres já muito amortecidas.

«Abriu-se a tampa d'este terceiro cofre, que teria seis palmos de comprido, e n'elle se acharam os ossos do grande guerreiro e rei de Portugal, o senhor D. Affonso Henriques! A sua caveira estava inteira, e mostrava ainda todos os dentes no seu logar, menos um; as dimensões do craneo e mais partes da cabeça eram grandes, e proporcionados os ossos dos braços e pernas, os quaes, comparando-se com os da figura superior ao tumulo, se achou perfeitamente coincidirem com as dimensões respectivas, tendo esta figura dez palmos de comprimento, como refere a historia haver tido de altura o heroe, a quem representa vestido de ferro, collocado de costas, tendo uma almofada de pedra por travesseiro, e um leão doirado aos pés.

Dil-o-hemos por incidente. A miudo fallam nossas chronicas d'estas visitas ou exames dos tumulos reaes; e nunca factos similhantes foram julgados attentatorios da immunidade sepulchral, como por ahi se tem pretendido inculcar este de 1832.

Correndo o mez de setembro de 1524, mandou el-rei D. João III abrir *todos* os tumulos reaes do mosteiro de Alcobaça; e no primeiro de agosto de 1569 se começou a mesma diligencia por el-rei D. Sebastião, que, prescindindo de examinar os cadaveres del-rei D. Pedro I, e del-rei D. Affonso II, teve muito que admirar nos das rainhas D. Urraca, e D. Brites. [1]

O infante D. Henrique, cardeal de Portugal, mandou tambem abrir a sepultura del-rei D. João II, no convento da Batalha. [2]

Omittiremos, por brevidade, outros exemplos.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

BARROSO

Segundo promettemos a pag. 39 do n. 5, continuâmos hoje a extractar a memoria que o dr. Mendonça escreveu sobre a terra e gente de Barroso, para

---

[1] Sermão prégado nas solemnes exequias do senhor D. Affonso Henriques, as quaes mandou celebrar, e a que assistiu, com as serenissimas infantas, o mui alto e poderoso senhor D. Miguel I, na real basilica de Santa Cruz de Coimbra, em 25 de outubro de 1832, na occasião em que fez abrir o regio tumulo d'aquelle valoroso monarcha. Dedicado e offerecido a el-rei nosso senhor por D. Francisco do Santissimo Coração de Maria, conego regular, mestre de theologia no real collegio da Sapiencia, e prégador regio honorario da real capella da Bemposta. Coimbra: Na real imprensa da Universidade. 1832.

[1] Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça, da Congregação Cisterciense de Portugal*, etc.—*Provas e addições*, pag. 19.

[2] Damião de Goes, *Chronica do Serenissimo Senhor D. Manuel*, cap. XLV.

que se confira o seu estado actual, á vista do que já aqui mesmo dissemos, com a narrativa feita ha meio seculo pelo referido magistrado.

Póde-se dizer que a descripção é de hoje. Tal tem sido o estacionamento d'aquelle tão singular paiz, e de seus incultos habitantes.

«Tanto o alto como o baixo Barroso, pelas muitas encostas que tem, e aguas que o cruzam por todos os lados, contém em si muitos lameiros e lamas publicas, que, pelo sustento que em pastagens e fenos dão aos gados, formam uma parte do concelho.

Podiam ser, a meu vêr, estes lameiros ainda mais uteis, se os lavradores os semeassem com sementes de hervas bem nutritivas, vindas de outros paizes; mas elles não o fazem. A terra produz as hervas e vegetaes que a natureza faz espontaneamente nascer, e essas mesmas hervas e vegetaes se reproduzem sem melhoramento; mas não são da melhor qualidade, e por isso o gado vaccum não é tão vigoroso e abundante de leites. Deveriam pois todos os proprietarios de lameiros ser obrigados a semear melhores sementes, mandando-se-lhes ministrar pelas au-



Freguezia de Santa Maria de Padornellos, nas Alturas de Barroso — Desenho de Nogueira da Silva

ctoridades constituidas, e dando-se-lhes as normas necessarias.

Abunda o Barroso em grandes mattas de carvalhos e outras arvores bastante espessas; mas estas, pelo seu grande consumo, incendio, irregularidade nos córtes, e outros motivos similhantes, em breves tempos diminuirão. Já se nota esta falta no concelho visinho de Chaves; n'esta praça ha grande consumo de lenhas para os particulares, para as fabricas de loiça e telha, para os fórnos da tropa, hospitaes militares, etc., já ahi não ha lenhas, e a vem buscar a Barroso. É mais para sentir que se não execute tambem n'esta provincia o determinado na providente lei de 27 de novembro de 1804, sobre o córte regular dos bosques, e outras sabias providencias do governo.

Nas ribeiras do baixo Barroso ha sitios tão amenos, que em tudo são similhantes aos do Minho e Beira: a cultura das oliveiras seria de grande vantagem, e, se os lavradores as tivessem plantado, podiam não só colher azeite para si, mas até para consumo de todos os habitantes do concelho. Por toda a extensão da ribeira chamada de Terva, a maior parte das propriedades podiam estar cercadas de oliveiras: mas na extensão de duas e mais legoas apenas se encontra meia duzia d'ellas. Em todos os logares que ficam nas covas proximas á serra do Gerez podia haver muitas mais do que ha; grande parte de terreno proprio para isso se vê cheio de matto. É de admirar que homens costumados, todos os annos, a ir fazer azeite por todas as terras do reino, se não tenham estimulado, e não hajam cuidado no que lhes interessa; mas os seus prejuizos, e o viverem segundo os costumes de seus antepassados, obstam a tudo isto, como tambem o não lhes serem concedidos muitos terrenos com obrigação de fazerem taes plantações.

Toda a colheita e producção do alto e baixo Barroso, em trigo, milho e centeio, anda annualmente, segundo as informações mais veridicas que tenho tomado, por 346:200 alqueires; quantidade que não chega para o consumo ordinario, pois sendo o numero dos habitantes de ambos os sexos e de todas as edades 17:581, e dando a cada um d'elles 25 al-

queires annualmente, vem ainda a faltar 93:323 alqueires; o que não aconteceria se fossem concedidos ás pessoas mais necessitadas, os muitos terrenos incultos que ainda ha por quasi todos os termos das povoações. De certo por todos elles podia o total da colheita augmentar metade, e então os habitantes poderiam exportar 79:775 alqueires.

As producções do alto Barroso são centeio, batatas, nabos e mattas; as do baixo Barroso, além das referidas, são milho, vinho, legumes, castanhas, algum azeite, e outros fructos que pessoas curiosas tem começado a semear, como é trigo, cevada, milho painço; e ha logares tão abrigados e amparados, por todos os lados, de serras que lhes ficam sobranceiras, em que limões e laranjas se criam com perfeição.

Um objecto digno de toda a attenção do governo é a manipulação dos queijos e manteiga do leite das vaccas de Barroso. Os lavradores não fazem uma nem outra coisa com a perfeição, consistencia e duração com que vemos as manteigas e queijos que formam um ramo de commercio consideravel na Hollanda, Irlanda e Holstein. Os nossos fazem a manteiga e o queijo doce, sujeitos por isso a corromperem-se em pouco tempo, incapazes de se transportarem para partes remotas, inconvenientes que desappareceriam se elles fossem instruidos no modo de se fazerem, mandando-lhes executar as normas que se lhes ministrassem com regras seguras, bem reflectidas, bem fundadas na experiencia, e convenientes ao clima e terreno. Elles fazem a manteiga e o queijo segundo a primeira receita que alcançaram, ou por arbitrio, ou por experiencia; e n'uma e outra coisa imitam pouco os queijos da serra da Estrella e Alemtejo; póde até dizer-se, seguramente, que lhes falta muito para terem esse grau de perfeição.

Os habitantes de Barroso, geralmente fallando, são pouco civilisados ou polidos; e ao que naturalmente é obstinado, custa muito fazer com que deixe os antigos usos que alli seguem machinalmente, a exemplo dos seus visinhos e antepassados. Como são bem constituidos, e nascidos em clima aspero, acham prazeres em tudo que possa agital-os ou pôr-lhes o espirito em movimento, como é a caça, as viagens, o vinho, etc.

Facilmente perdoam as injurias que lhes fazem; tem poucos estimulos, porque a natureza os dotou de uma imaginação pouco viva; são soffredores de trabalhos, amantes da sua patria, e tanto, que tendo alguns sido bem favorecidos da fortuna em terras estranhas remotas, vem acabar seus dias nos logares onde nasceram, sem que se lembrem do preterito, cogitando sómente de desfructarem os seus cabedaes, apartados da sociedade, e até muitas vezes esquecidos de seus proprios visinhos.

Bem se conhece, pelo que fica exposto, que o povo de Barroso necessita ser civilisado; os seus costumes se farão mais doces; serão mais faceis de governar; a industria, mãe das bellas artes, das sciencias, das artes mechanicas e do commercio os fará felizes.

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

(Vid. pag. 45)

V

Pozeram-se a caminho os dois viajantes para as Vendas Novas. Peralta ia discorrendo sobre o meio de se apartar de tal companhia, sem perigo de algum damno similhante aos que a cada passo via executar; e o diabinho fulminando maldades para repetir.

Chegaram á primeira venda das Silveiras, onde Peralta, querendo tomar alguma refeição, viu que toda a justiça de Montemór tinha preso o dono da casa, por um grande furto que alli se fizera.

Tanto que o diabinho viu isto, disse a Peralta que passasse a tomar refeição na segunda estalagem, e que nas Vendas Novas iria ter com elle, porque determinava livrar aquelle homem da prisão em que estava, por lhe ser muito obrigado pelas maldades que executava, por isso convinha ao serviço de Lucifer dilatar-lhe a forca mais alguns dias.

Peralta fez o que o companheiro lhe ordenava; e apenas a justiça tinha saído com o preso, o fradinho levantou uma poeira tão grande, que se não viam uns aos outros, e as cavalgaduras espantadas corriam á redea solta, sem obedecer a quem n'ellas ia.

Com esta revolta ficou o preso sem gente; e como o fradinho lhe desatasse as mãos que levava algemadas, fel-o tomar as de villa Diogo, e em breve espaço os da justiça foram parar em differentes sitios, assombrados do successo, o que tudo Peralta esteve vendo de cima de um oiteirinho. Depois, juntando-se os dos chuços, e querendo recobrar o preso, não acharam noticia alguma d'elle, pelo que se retiraram a suas casas admirados de tal acontecimento.

N'aquella noite ficou o diabinho nas Silveiras, aonde obrou taes perversidades, que se houveram de escrever muitos volumes para recontal-as, o que deixâmos em silencio na consideração dos que bem conhecem as suas gentilezas.

Peralta chegou ao sol posto ás Vendas Novas, e na pousada em que se agasalhou estava o religioso a quem se espantára a mula no rio de Montemór, o qual, em razão de sentir-se quebrantado da quéda, temendo não achar boa commodidade nos Pégões, não quiz passar d'alli, considerando, que mais val quem Deus ajuda que quem muito madruga. O frade festejou muito a Peralta, agradecido do sentimento que mostrára da sua quéda; e recolhendo-se ambos a um aposento, Peralta lhe deu conta de tudo que até aqui referimos, e de como o diabinho fôra o que lhe espantára a mula, para lhe tomar o presunto e os doces que levava no alforge, dizendo que lh'os déra a elle primeiro a pessoa a quem sua paternidade os mandava; e que assim lhe pedia muito fizesse a mercê de o aconselhar no meio que elegeria para se apartar de tal companheiro, pois o que elle tinha resolvido em seu coração, era metter-se religioso da ordem de S. Francisco, que sua paternidade professava, se n'ella o quizessem acceitar dando de esmola os cruzados que trazia, porque supposto seguira a milicia, tinha bastantes principios de latim, era limpo de sangue e capaz do habito de religioso.

Não cessava o frade de se benzer de caso tão espantoso como o que Peralta lhe referira, dizendo-lhe:

— Que a resolução que tomava era o mais seguro meio para se livrar das tentações do demonio; que em chegando a Lisboa fosse ao convento de Xabregas, e perguntasse pelo guardião de Extremoz, que elle lhe dava a sua palavra de o fazer acceitar logo, e que até chegar a Lisboa fosse contemporisando com o diabinho, para que, sabendo de tal determinação, lhe não fizesse algum damno.

Assim ficou Peralta mais animado, e prometteu de pôr por obra sua tenção, dando muitos agradecimentos ao religioso pela mercê que lhe promettia fazer. Com isto, depois de ceiarem ambos, se recolheu cada um em seu quarto, porque o religioso não queria nenhuma communicação com o fradinho que tinha ficado de vir buscar a Peralta.

Sería meia noite quando o diabinho, sem lhe abrirem a porta, entrando na pousada, tratou de fazer das suas. O primeiro com quem contendeu foi com o dono da casa, entrando no cubiculo em que elle

dormia, e pondo toda quanta loiça havia em casa espalhada pelo chão, derribou um alguidar que estava sobre um poial com taçalhos de carne, a cujo estrondo, acordando o estalajadeiro, suppondo que o dito rumor era de algum cão ou gato que tinha entrado a comer a carne, se levantou da cama, pegou de uma cachamorra que tinha sempre á cabeceira, e começou a esgrimil-a com grande furia. O diabinho, para que elle não errasse as pancadas á loiça, fazia rumor de quando em quando para onde ella estava, dando-lhe a entender que não erraria o golpe no complice do delicto que imaginava. A mulher que tinha acordado ao estrondo, e conhecido no tinido da loiça o prejuizo que lhe faziam, começou a gritar dizendo:

— Homem do diabo, olha que quebras toda a loiça que tenho!

— Pois valha-te Barrabaz, mulher, respondia o marido, não tinhas outra parte onde pôr a loiça senão no meio da casa?

Levanta-te com Barzabû, e fére lume, que não ha de amanhecer vivo este rafeiro que se me anda mettendo pelas pernas, sem eu lhe poder acertar em parte que o mate.

Assim o fez a mulher. Accendeu luz, e viu o destroço que estava feito na loiça, em pratos, potes, tigelas, pucaros e alguidares. Poz as mãos na cabeça, e começou a tornar a culpa ao marido, dizendo que não tivera mais que fazer senão a loiça em pedaços.

— Leve-te o diabo o teu juizo! Pois, mulher, dizia o marido, para que trouxeste a loiça para aqui? foi pela teres mais guardada? que diabo de governo é o teu!

Ella desbaptisava-se, e eram tantos os juramentos com que affirmava que tal não fizera, como areias do mar. O marido, já confuso, vendo que não tinha remedio o damno que estava feito, e que o rafeiro não podia ter saído por estar a porta da rua fechada, punha a vingança de tudo na execução que n'elle determinava fazer. Mas como o diabinho desappareceu, e o estalajadeiro revolvesse todos os cantos da casa sem achar o delinquente que imaginava, fazendo em si mil cruzes tornou-se a deitar.

Seria pouco mais de uma hora ante a manhã, quando os almocreves e passageiros, pedindo candeia á dona da casa, indo a dar a ração ás suas cavalgaduras, as acharam suando copiosamente, selladas, enfreadas e albardadas, como se n'aquella hora houvessem chegado de fóra! Persuadiram-se todos que, depois de dormirem, o dono da casa as mandára a Montemór buscar alguma coisa, e sobre isto começaram a dizer, que era má christandade não deixar descançar e comer de noite as alimarias, mas protestavam que o estalajadeiro havia de pagar o damno que lhes resultasse, e que não tornavam mais a pousar n'aquella casa.

O estalajadeiro esconjurava-se que tal não fôra, e que antes tinha razão de estar queixoso de alguns esturdios que lhe haviam juntado quanta loiça tinha no aposento onde dormia, para elle a fazer em pedaços com uma cacheira, cuidando que lançava fóra um rafeiro guloso. A isto responderam os almocreves:

— Como podiamos nós fazer tal, se você fecha a porta do aposento em que dorme?

— Pois menos podia eu, replicou o estalajadeiro, tirar as cavalgaduras pela mesma casa onde estaveis agasalhados, abrindo as portas sem vós outros sentirdes!

Com isto se deram uns e outros por satisfeitos, persuppondo que algum demonio devia andar de noite n'aquella casa; e quando a suspeita não fôra verdadeira, não era temeraria, porque todos os diabos são mui devotos de similhantes ermidas.

Tornou a dizer o estalajadeiro, que se assim fosse, alli estava um religioso, e que em elle acordando lhe pediria benzesse e esconjurasse a casa; porém o que mais sentia era não terem suas mercês, quando almoçassem, um prato em que comer, nem um pucaro por onde beber.

— Não importa, responderam os almocreves, arrieiros somos, nas mãos comemos, e beberemos pelas borrachas.

E logo trataram de dar penso ás cavalgaduras, e de ordenar o almoço.

O fradinho da mão furada, tanto que ouviu a resolução de se pedir ao religioso que benzesse a casa, foi desatinado acordar Peralta, e lhe pediu que sem dilação se vestisse, e saísse fóra d'aquella pousada, porque importava assim o fizesse.

Peralta, por contemporisar com o diabinho, como lhe tinha aconselhado o religioso, fez o que lhe pedia, pagou a pousada, e foi o primeiro que saíu d'ella.

Partindo os dois, a tempo que amanhecia, das Vendas Novas para os Pégões, disse o diabinho a Peralta, por travar conversação:

— Que estava admirado de ver quão honestamente vivia, sendo soldado, em tempo que as maldades dos homens eram taes que os faziam parecer diabos.

— Isso é mentirosa praga tua, disse Peralta.

— Pois dize-me, tornou o diabinho, que outra coisa, senão diabos, são os ladrões, perjuros, traidores, enganadores, embrulhadores, falsarios de testimunhos, usurarios sem restituição, e sensuaes desenfreados? Que outra coisa, senão diabos, são os que andam annos e annos em odio mortal com seus proximos, sem quererem admittir reconciliação? Que outra coisa, senão diabos, são os que tiram a justiça a quem a tem, para a venderem a quem a compra? Que outra coisa, senão diabos, são os soberbos poderosos, que por dá cá aquella palha vexam os humildes?

— Não prosigas mais, que não tenho paciencia para te ouvir, disse Peralta. E fica sabendo, que posto haja, por fraqueza humana, algum sujeito mau e perverso, ha infinito numero de bons, que bem cumprem, como devem, as obrigações de catholicos. E nem aos mais depravados pódes dar o nome que lhes applicas, porque podem arrepender-se de seus erros, e aos homens, por mais ruins que sejam, basta para os pôr em graça o firme arrependimento de suas culpas, sem tornar a reincidir n'ellas, como tantos exemplos verificam. De um perseguidor seu fez Deus um S. Paulo, de um mercador onzeneiro um S. Matheus, de uma peccadora publica uma Santa Magdalena, e de um salteador de estradas um S. Dimas.

— Isso era n'outro tempo, respondeu o diabinho; porém agora são tão poucos os arrependidos, que certo diabo bacharel (porque tambem os ha no inferno), fez sobre a materia uma petição em verso ao senhor Lucifer, a qual te referirei por divertires o cançaço do caminho, e a molestia da jornada. Eil-a:

Acuda vossa diabrura,
Poderoso Lucifer,
Que se lhe levanta o mundo
Com a jurisdicção que tem!

Todos n'elle são diabos
Tão astutos e velhacos,
Que podêmos nós alli
Diabruras aprender.

O odio, que aos homens temos,
Entranhavel e cruel,
Eguala, se não excede
O que uns aos outros tem.

A soberba que aqui reina,
E que despenhar nos fez,
Lá para os seus poderosos
Menina de mamma é.

Tudo se compra e se vende
Em almoeda, porque
A razão mais conhecida
Tem o interesse a seus pés.

A justiça está de sorte,
Que escusa nosso poder
Para fazer que se tire
Aquelle que mais a tem.

Os bachareis fazem tudo
Quanto querem, mal ou bem,
Que farão dez mil diabos,
Se é perverso um bacharel?

Os soberbos, que a fortuna
De pouco ou de nada fez,
Nem no ceo nem n'este inferno
Entendo que hão de caber.

São lá de sorte os enganos,
Ardilosos e crueis,
Que os nossos, para com elles,
Ficam de vista a perder.

A mentira que aqui reina,
Tanto reina lá tambem,
Que a verdade anda corrida
Sem ousar de apparecer.

Ardis e perversidades
Bem podêmos aprender,
Dos homens hoje os diabos
Começando no *a b c*.

E posto que estas maldades
Cá é que se hão de pagar,
Não cabe em meu soffrimento
Ver-me n'ellas exceder.

Houve um que se deu ao diabo,
E eu para não o perder,
Querendo lançar-lhe a mão,
Como costumo fazer,

Rindo-se elle de mim, disse:
«Tenha-se vossa mercê,
Que se me dei ao diabo
Eu sou diabo tambem.»

«E assim, por esta razão,
Que me queira, justo é,
Para mim tanto por tanto,
Pois a mim proprio me dei.»

«Veja vossa diabrura
Como se póde soffrer,
Um desacato tão grande,
Um termo tão descortez.»

«Nem que qualquer mulherinha
Possa, cada vez que quer,
Com quatro signos samões,
Esconjuros, dois ou tres,

«A todos quantos nós somos
Mandar com o bico do pé,
Sómente por interessar-nos
A alma que não val dez réis,

«Quando se nos dão de graça,
Os imperadores e reis,
Que da balança de Astréa
Não tem direito o fiel.»

«No mundo está o inferno,
No inferno o mundo tambem;
Porque é tal o desconcerto
Que hoje tudo anda ao revez.»

«Mais atormenta no mundo
Um poderoso ricaço,
Que no inferno nós outros
Quantas almas aqui vem.»

«Ponha-se n'isto remedio,
Porque não venha a perder
O inferno, por este modo,
A jurisdicção que tem.»

«São já taes no mundo os homens,
Que nos fazem parecer,
Depois de sermos diabos,
Anjos agora outra vez.»

«Isto pede um diabrete,
Litterato bacharel,
Que se veja e que se emende,
E Receberá Mercê.»

— Ocioso, disse Peralta, devia estar o diabo que fez tão satyrica petição, pois reparava n'ella o que só podia ser obra de suas tentações. E quando tal houvera no mundo, os particulares de um mal procedido, por causa dos vossos enganos, não póde desacreditar o grande numero de bons e virtuosos.

— Pois has de saber, respondeu o diabinho, que se os versos te não contentaram, porque não são dos muito louvados de Virgilio, Homero, Ovidio, Camões e outros, applaudiram-nos alguns poetas occultos, dos que nem se entendem a si mesmos, nem nós a elles, porque os censurámos de inintelligiveis, e em pena d'isso lhe mandou o senhor Lucifer dar com elles nos focinhos.

(Continúa)

ORIGENS DA LINGUA INGLEZA

O jornal de Londres, denominado *City Press*, dá a seguinte noticia a respeito dos idiomas estrangeiros, que tem concorrido para formar a lingua ingleza.

«O dr. Samuel Johnson terminou em 1754 a edição in-folio do seu diccionario inglez, que foi publicado no mez de maio do anno seguinte.

Um curioso emprehendeu, ha poucos annos, fazer sobre a ultima edição uma tabella das linguas e dialectos que tem contribuido para a formação do inglez. Eis-aqui o resultado do seu trabalho: — 6,732 vocabulos derivados do latim; 6,651 do hollandez; 4,812 do francez; 1,665 do saxonio; 1,148 do grego; 211 do italiano; 106 do allemão; 95 do bretão; 75 do dinamarquez; 56 do hespanhol; 50 do islandez; 31 do gothico; 30 do sueco; 16 do hebraico; 13 do arabe; 6 do irlandez; 4 do runico; 4 do gaelico; 4 do flamengo; 3 do escocez; 3 do syriaco; 2 do irlandez gaelico; 1 do turco; 1 do portuguez; 1 do irlandez e escocez; 1 do persa; 1 do frisão; e 1 incerto.

ENIGMA

